



Participação estudantil e pertencimento escolar: caminho para o fortalecimento da escola pública

Student participation and school membership: way to strengthen public schools

Participación estudiantil y membresía escolar: manera de fortalecer las escuelas públicas

Daiane Scopel Boff - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul | Professora e pesquisadora | Caxias do Sul | RS | Brasil. E-mail: daiane.boff@caxias.ifrs.edu.br | 

Manola Bianchi - Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS | Pós-graduanda no curso de Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional | Caxias do Sul | RS | Brasil. E-mail: bianchimanola@gmail.com | 

Resumo: Este artigo descreve e analisa a participação de estudantes do Ensino Médio em projetos transdisciplinares, problematizando-a a partir do sentimento de pertença pela escola, evidenciado no estudo. A pesquisa, de cunho qualitativo e apoiada em uma perspectiva transdisciplinar, incluiu estudo bibliográfico e realização de entrevistas narrativas com estudantes de Ensino Médio que já haviam participado de projetos transdisciplinares em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino, em um município do sul do país. Os resultados indicam que a participação estudantil aumenta o sentimento de pertença pela escola, o que, por sua vez, deixa o ambiente escolar mais acolhedor e motivador para os estudantes, o que tende a torná-los mais comprometidos com os seus resultados de aprendizagem e mais zelosos com a Instituição.

Palavras-chave: participação estudantil; pertencimento escolar; projetos transdisciplinares.

Abstract: This article describes and analyzes the participation of high school students in transdisciplinary projects, problematizing it from the feeling of belonging to the school, evidenced in the study. The research, of a qualitative nature and supported in a transdisciplinary perspective, included a bibliographic study and carrying out narrative interviews with high school students who had already participated in transdisciplinary projects in a public school of the State Education Network, in a municipality in the south of the country. The results indicate that student participation increases the feeling of belonging to the school, which, in turn, makes the school environment more welcoming and motivating for students, which tends to make them more committed to their learning results and more zealous towards the Institution.

Keywords: student participation; school belonging; transdisciplinary projects.

Resumen: Este artículo describe y analiza la participación de estudiantes de secundaria en proyectos transdisciplinarios, problematizándola desde el sentimiento de pertenencia a la escuela, evidenciado en el estudio. La investigación, de carácter cualitativo y sustentada en una perspectiva transdisciplinaria, incluyó un estudio bibliográfico y la realización de entrevistas narrativas a estudiantes de secundaria que ya habían participado en proyectos transdisciplinarios en una escuela pública de la Red Educativa Estatal, en un municipio del sur del país. Los resultados indican que la participación de los estudiantes aumenta el sentimiento de pertenencia a la escuela, lo que, a su vez, hace que el ambiente escolar sea más acogedor y motivador para los estudiantes, lo que tiende a hacerlos más comprometidos con sus resultados de aprendizaje y más celoso hacia la Institución.

Palabras clave: participación estudiantil; pertenencia a la escuela; proyectos transdisciplinarios.

- Recebido em: 08 de setembro de 2020
- Aprovado em: 17 de agosto de 2021
- Revisado em: 26 de abril de 2021

1 Introdução

A educação pública brasileira é marcada por desafios e dificuldades desde muito tempo. “Os problemas da escola pública brasileira não são novos, mas há décadas desafiam órgãos públicos, pesquisadores nas áreas das ciências humanas e sociais, movimentos sociais ligados à educação e sindicatos” (LIBÂNEO, 2012, p. 21). Que ações internas na escola podem fortalecer sua ação educativa? Para dialogar sobre essa questão, este artigo discute a participação de estudantes¹ de uma escola pública de um município do sul do país, por meio de projetos educacionais, com um viés transdisciplinar, analisando como o sentimento de pertencimento escolar pode se tornar uma forma de fortalecimento das Instituições educacionais públicas brasileiras.

Com essa intencionalidade, partimos da seguinte questão: Como o envolvimento dos estudantes em projetos transdisciplinares atua no sentimento de pertença pela escola? A materialidade foi produzida por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes de Ensino Médio que participam de projetos na escola e procurou problematizar as experiências vivenciadas por eles no âmbito escolar.

Conforme Groppo, não há uma fórmula pronta para entender a juventude brasileira, mas é possível perceber que as “juventudes se movem, contraditoriamente, entre processos de institucionalização e autonomia [...]” (2016, p. 399). Segundo o autor, essa contrariedade é construída nas próprias Instituições, como a escola, por exemplo, que, ao criar regras a serem seguidas, também incentiva formas de contestá-las, estimulando “formas de pensar e agir diversas daquelas desenhadas institucionalmente” (p. 399).

A escola é vista como um espaço coletivo de ensino e de aprendizado de conteúdos sistematizados, de formação para as relações sociais, culturais e políticas. Embora isso, o discurso mais recorrente aponta para uma necessária reforma da escola (LAVALL, 2004). Dialogando sobre essa questão, Libâneo constata que:

¹ Embora estejamos comprometidas com os estudos de gênero que são desenvolvidos no país, optamos por não utilizar flexão em alguns termos, como: aluno e aluna, educador e educadora, professor e professora etc. para obter maior fluidez no texto.

[...] não se trata mais de manter aquela *velha* escola assentada no conhecimento, isto é, no domínio dos conteúdos, mas de conceber uma escola que valorizará formas de organização das relações humanas nas quais prevaleçam a integração social, a convivência entre diferentes, o compartilhamento de culturas, o encontro e a solidariedade entre as pessoas (LIBÂNEO, 2012, p. 17).

A realização de projetos transdisciplinares na escola vem sendo cada vez mais discutida e incentivada como uma forma de potencializar as habilidades e as competências dos estudantes, dando-lhes espaço, voz e responsabilidades. Trabalhar com projetos transdisciplinares que, em geral, não estão ligados diretamente a nenhuma disciplina específica (PRADO, 2009), é um meio de fazer com que os estudantes mobilizem diferentes processos de aprendizagem, assumindo protagonismo no espaço escolar. Com Freire, temos entendido que o “[...] educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações” (2004, p. 36). Tal perspectiva que indica a importância de dar voz aos estudantes, se atualiza na atual conjuntura educacional que passa por constantes rupturas e busca novas formas de lidar com os processos de ensino e de aprendizagem.

Considerando isso, este texto aposta na realização de diferentes formas de trabalho na escola, dentre elas, a realização de projetos transdisciplinares, que permitem incentivar a participação estudantil nesse ambiente, fortalecer os vínculos dos estudantes com a Instituição e valorizar o trabalho coletivo. Ao olhar para as experiências de estudantes de Ensino Médio relacionadas a projetos transdisciplinares, buscamos descrever alguns significados de participação escolar analisando suas interlocuções no sentimento de pertença pela escola.

2 Percorso metodológico

A pesquisa foi construída a partir das seguintes inquietações: Um estudante que participa de projetos é mais motivado? A participação nos projetos torna-os mais autônomos? Quais são as formas mais adequadas de participação? O que faz com que os estudantes participem ou não dos projetos na escola? Com essas questões, esta pesquisa, de cunho qualitativo, fundamenta seu estudo em autores como: Freire (2004), Groppo (2016), Libâneo (2012), Luck (2013), Sousa e Corrêa (2002), Sennett (2018) e se desenvolveu explorando dois conceitos principais: participação estudantil e pertencimento escolar.

O material empírico foi produzido a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino, localizada em um município do sul do país, no período de fevereiro a março de 2020. Foram entrevistados nove estudantes, com idade entre 15 e 17 anos de idade, que já faziam parte da Instituição há mais de um ano e que também já haviam tido experiências anteriores em projetos transdisciplinares nesta escola. Dessa forma, a materialidade se constituiu das narrativas de sujeitos que cumpriram esses critérios. Além disso, alguns exemplos de projetos transdisciplinares desenvolvidos pela referida escola se relacionam às seguintes temáticas: boas práticas no trânsito, fortalecimento da identidade e de vínculos escolares, jornal na escola, valorização da figura feminina. Assim, desenvolver projetos transdisciplinares foi um fator fundamental para a escolha da escola e dos sujeitos neste estudo.

As entrevistas com os estudantes foram realizadas de forma presencial no próprio ambiente escolar, ou seja, no próprio local de estudo, e tiveram por base questões que buscaram refletir sobre o que cada estudante entendia por participação na escola, em que momentos na escola ele se achava participante e que sentimentos isso gerava nele. O espaço disponibilizado para as entrevistas na escola foi uma sala de aula destinada ao projeto do jornal e ao Grêmio Estudantil. As conversas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos entrevistados e responsáveis.

As falas dos estudantes, motivadas pelas entrevistas, foram tomadas como narrativas que, de modo geral, possibilitam (re)construir as significações, “[...] reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos” (ANDRADE, 2014, p. 177). Ao posicionar as narrativas “como uma produção cultural, social, política e histórica, e não como um dado fixo” (p. 181) tivemos um olhar atento ao dito e aos enunciados que cada fala movimentava. Dessa forma, as entrevistas não ficaram enraizadas nas questões elaboradas do roteiro, mas exploraram as situações que apareceram, aprofundando e ampliando o diálogo com cada estudante.

Com o material produzido, por meio das transcrições e anotações, fizemos diferentes operações: lemos e relemos, agrupamos e separamos, analisamos de forma minuciosa as narrativas e as anotações feitas, respeitando ao máximo a complexidade e a integridade dos registros. Destacamos as recorrências, procuramos os deslocamentos de sentido, agrupamos todos os significados que foram sendo (re)construídos pelos estudantes. O material empírico

apresentado ao longo deste texto apresenta a riqueza do resultado obtido, o que nos possibilitou pensar minuciosamente sobre os conceitos de participação e de pertencimento no âmbito escolar. Ainda, de forma complementar à utilização de entrevistas narrativas, realizamos um estudo bibliográfico, a partir de autores como: Freire (2004), Bordenave (1994), Libâneo (2012), Luck (2013), Prado (2009).

Nas próximas seções, abordamos os dois grupos de sentido extraídos das narrativas dos estudantes: a participação do estudante em projetos transdisciplinares e o pertencimento escolar, procurando analisar as questões que fazem o estudante se envolver e ser envolvido nas atividades escolares, em especial, nos projetos transdisciplinares que são realizados na escola.

3 A participação estudantil em projetos transdisciplinares: um horizonte possível nas escolas públicas

Trabalhar com projetos na escola tem se apresentado como uma forma de potencializar as habilidades e as competências dos estudantes, dar-lhes espaço, voz e responsabilidades. Dedicar-se aos projetos pedagógicos na escola significa oferecer aos estudantes orientação para que eles possam avançar em busca do que almejam conhecer e ser.

A transdisciplinaridade é vista por muitos pesquisadores como uma prática a ser mais exercida nas escolas, visto que implica em ultrapassar as barreiras das disciplinas e até mesmo da própria interdisciplinaridade, e cujos objetivos vão além das avaliações escolares, devido a traduzir um anseio desejado: o de ir além de apenas uma forma de conhecimento já estabelecida (PRADO, 2009). Objetiva aproximar pessoas, de uma maneira que inclui o que sentimos e pensamos. Assim, a transdisciplinaridade ocorre em um contexto mais abrangente, quando há integração no sistema interdisciplinar de trabalho, visando a um entendimento integral dos fenômenos e dos fatos em questão (PRADO, 2009). Ainda a respeito da transdisciplinaridade, Siegel afirma que:

[...] o prefixo “trans” significa aquilo que está entre, através e além de. Portanto, transdisciplinaridade significa aquilo que está além das disciplinas. Neste sentido, a transdisciplinaridade não se restringe nem à simples reunião das disciplinas e nem a um diálogo entre duas ou mais disciplinas (interdisciplinaridade) (2012, p. 55).

Considerando a perspectiva desses autores, os projetos transdisciplinares são ferramentas pedagógicas capazes de sensibilizar os estudantes de forma mais eficiente, uma vez que visam a uma formação mais completa. Sendo assim, trabalhar com projetos transdisciplinares é um meio

de fazer com que os estudantes participem do seu processo de aprendizagem, uma vez que tendem a sair do papel de meros espectadores na escola, em que esperam, unicamente, pelo ensinamento do professor, para assumirem protagonismo nesse espaço: procurando respostas, fazendo questionamentos, demonstrando seus pontos de vista, desenvolvendo seu senso crítico. Ao desenvolver projetos transdisciplinares e se colocar como pesquisador/criador, ao dividir responsabilidades sobre o desenvolvimento e os resultados obtidos, o estudante também ampliará a sua autonomia.

Para isso, temos compreendido que, para melhor envolver os estudantes nas suas aprendizagens, faz-se necessário que a temática dos trabalhos também seja indicada por eles, de acordo com os seus interesses e anseios, assim como dividir com eles a responsabilidade pelos objetivos estabelecidos e pela organização dos trabalhos. Além disso,

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos (MANTOAN, 2003, p. 12).

Assim, quanto mais houver diálogo, maior será o entendimento, o comprometimento nas atividades estabelecidas e mais participantes os estudantes tendem a ser. Para analisar como os estudantes sentiam-se em relação aos projetos transdisciplinares realizados na escola, uma das questões da entrevista era: *Quando tu participas de algum projeto na escola, como te sentes?* Essa questão foi pensada como importante de ser realizada, uma vez que muitos pesquisadores que tratam de temas como *participação* e *projetos* sinalizam essas temáticas como interconectadas, como, por exemplo, Bordenave (1994), Barroso (1995), Luck (2013) etc. As respostas a essa questão foram recorrentes em: *“me sinto bem”* e *“me sinto feliz”*, como podemos ver nas narrativas abaixo:

Eu me sinto feliz, porque a gente está tentando fazer da escola um lugar melhor para todo mundo, fazendo uma atividade diferente, que faz as pessoas chegarem em casa e pensar: Nossa, hoje o dia foi legal! É melhor do que chegar em casa e pensar: Ah, amanhã tem de novo. Entende? (Estudante 5)

Me sinto bem, tem alguns projetos que não são muito a minha área, às vezes me sinto um pouco deslocada, mas eu tento ajudar de alguma forma, eu gosto de participar. (Estudante 4)

Eu me sinto interagindo melhor com a Instituição. (Estudante 1)

Observamos que trabalhar com projetos implica dar mais autonomia aos estudantes, já que eles são os agentes que executam as atividades que foram construídas, enquanto o professor

orienta e supervisiona a condução do processo. Para que isso ocorra “o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reelaboração do saber divididos” (BULGRAEN, 2010, p. 37).

Sobre o conceito de autonomia é importante observar que:

Muitas vezes o conceito de autonomia é encarado, equivocadamente, como independência e isolamento, induzindo à ideia de que o indivíduo que a busca assume um poder completo e contrário ao controle exercido por outros sujeitos e/ou grupos. Nessa perspectiva, um indivíduo autônomo seria aquele que não tem nenhuma dependência dos outros sujeitos e organizações. Esse enfoque distorce consideravelmente o conceito de autonomia, à medida que o homem deve ser considerado intrinsecamente um ser de relação (SOUSA; CORRÊA, 2002, p. 61).

Nesse sentido, ter autonomia não é ser independente de tudo e de todos, é trabalhar de uma maneira que estimule as relações saudáveis entre os sujeitos, em que todos tenham um espaço de escuta e de fala, sempre baseados em respeito mútuo. Entendemos que esses fatores podem guiar as propostas de projetos transdisciplinares nas escolas. Tanto na “[...] vida social, como na pessoal, todos enfrentamos limites ao desejo e à vontade, ou a experiência de as necessidades de outras pessoas não serem compatíveis com as nossas” (SENNETT, 2018, p. 11). Dessa forma, “a autonomia da escola precisa ser construída e não decretada, o que pressupõe também a autonomia dos sujeitos que a constroem” (SOUSA; CORRÊA, 2002, p. 63). Isso nos faz pensar na importância da realização de ações coletivas nas escolas, a fim de incentivar a relação entre autonomia e convivência.

Um estudante autônomo geralmente é capaz de questionar e buscar respostas. Dificilmente ficará calado por timidez ou receio de alguma crítica - preocupação comum entre jovens e adolescentes - e não esperará tudo pronto do professor ou da escola. Pensando nisso, creditamos importância no desenvolvimento de projetos que agucem a autonomia nos alunos e nos próprios professores. Nossa compreensão é de que conseguiremos viver com mais qualidade as relações sociais, culturais e políticas, quando autônomos, responsáveis e conscientes de nossas escolhas.

Ao encontro disso, uma das questões da entrevista tratava do entendimento dos estudantes sobre o conceito de participação. Quando questionados sobre o que compreendiam por participação, os estudantes, majoritariamente, apontam para o trabalho coletivo: “*participação é ajudar, trabalhar em grupo*” (Estudante 3); *peças juntas, fazendo alguma coisa, tipo trabalho*

em grupo [...] (Estudante 5); “interagir, mostrar tuas habilidades (Estudante 8); “participar com todo mundo, desenvolver, fazer amizade, conhecer quem a gente não conhece” (Estudante 9).

As narrativas dos estudantes mostram que o ato de participar está relacionado a fazer algo de forma conjunta a outras pessoas. Luck (2004), discorrendo sobre o conceito de participação, afirma que a participação traz um sentimento de autoria e responsabilidade pelos resultados, porque, quando participa, o estudante sente-se parte orgânica da realidade. Conforme a autora, a participação torna o estudante mais responsável em suas ações e mais comprometido com os resultados, uma vez que está diretamente envolvido e fazendo parte do processo educativo, tornando-se, de certa forma, autor dos resultados atingidos. Assim, os projetos transdisciplinares precisam estar de acordo com os interesses dos estudantes e, para isso, é fundamental conhecer suas realidades: de onde vem, quais seus interesses, com quem convivem, qual a situação cultural, entre outras. Ao elaborar um projeto transdisciplinar é importante consultar todas as partes envolvidas, avaliando o interesse e colhendo apontamentos que possam enriquecer a proposta. A respeito disso é possível constatar que:

Apesar da importância da participação em educação, observa-se, no entanto, que esse é um conceito que tem sido mal-entendido e sobretudo banalizado nas escolas. Sob a designação de participação, muitas experiências são promovidas sem o devido entendimento e cuidado que a orientação da participação demandaria para justificar-se no contexto educacional e promover bons resultados (LUCK, 2013, p. 27).

Complementando os argumentos, Santos afirma que “a melhoria da qualidade do ensino pode ser conseguida com mais eficácia se for fruto de ações conjuntas e bem coordenadas pela equipe técnico-pedagógica” (2002, p. 34). Sob essa perspectiva, para que um projeto transdisciplinar seja funcional, é necessário um trabalho em conjunto com os diversos sujeitos envolvidos. Dialogar sobre o intento com a coordenação pedagógica, com outros professores, com os estudantes, ou seja, quanto mais envolvidos os atores estiverem, maior será o comprometimento com o empenho e com os resultados do projeto.

Paulo Freire defendia que “as qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (2004, p. 27). A partir disso, entendemos que a aproximação entre a escola e a comunidade escolar só é viável quando há iniciativa e vontade de ambas partes, a partir daí os projetos transdisciplinares podem ser um polo comum entre o que acontece dentro dos muros da escola e a comunidade, já que os

resultados dos projetos podem ser compartilhados com um maior número de pessoas, aproximando todos à escola. Nessa acepção, Juan Enrique Díaz Bordenave pontua que:

A participação não é um conteúdo que se possa transmitir, mas uma mentalidade e um comportamento com ela coerente. Também não é uma destreza que se possa adquirir pelo mero treinamento. A participação é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente se pode aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende a participar, participando (1994, p. 74).

Embora todo o planejamento realizado, pode acontecer que as primeiras experiências com projetos transdisciplinares não sejam as melhores, porque exigem maturidade, experimentação e aperfeiçoamento de processos, tanto de professores quanto de estudantes. A postura do participante vai transformando-se conforme o ato de participar for ficando mais frequente: as ações fluem com mais firmeza e os atores passam a se reconhecer no processo. Sennett identifica que “a cooperação está embutida em nossos genes, mas não pode ficar presa a comportamentos rotineiros; precisa desenvolver-se e ser aprofundada” (SENNETT, 2018, p. 9). Sendo assim, até a participação virar hábito, o caminho é complexo: problemas não faltarão e cabe ao docente estar apto para mediar os conflitos que podem aparecer. “Participação, em seu sentido pleno, corresponde, portanto, a uma atuação conjunta superadora das expressões de alienação e passividade, de um lado, e autoritarismo e centralização, de outro, intermediados por cobrança e controle” (LUCK, 2013, p. 47). Além disso, compreendemos que sempre haverá os mais engajados, os mais tímidos, os falantes, os brincalhões etc., uma vez que o estudante também é atraído pelo movimento, pelo ambiente que está sendo oferecido.

Portanto, temos entendido que os projetos transdisciplinares podem projetar os estudantes para o protagonismo, auxiliando-os a construir seu próprio desenvolvimento. Por meio dos projetos, a escola poderá se tornar um ambiente cada vez mais dinâmico, com espaço aberto para suas múltiplas funções, e onde os trabalhos e os esforços são compartilhados por todos que ali ensinam e aprendem.

4 Pertencimento escolar e o fortalecimento da escola pública

A necessidade de pertencer a alguma coisa pode ser vista como inerente ao ser humano, potencializada pela simples expectativa de se relacionar. Isso parece se moldar, de certa forma, na medida em que o ser humano vai amadurecendo. Silva nos diz que “Os sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar possuem significados, sentidos e valores que são

lapidados a cada momento” (SILVA, 2018, p. 132). Ao mesmo tempo, temos entendido que quando há um apego, quando nos vemos como parte de algo, quando temos zelo e carinho, passamos a cuidar. Com isso, nos questionamos: Como o sentimento de pertença pode contribuir para o fortalecimento da escola pública? De que forma isso dialoga com o *sentir-se bem* e com o *cuidar do espaço escolar*?

Para explicitar algumas situações em que os estudantes se sentiam pertencentes à escola, uma das perguntas da entrevista abordava essa questão. As narrativas dos estudantes mostram que cada um constrói sua fala a partir de momentos de relação com o outro, tendo por base sentimentos de segurança e de aceitação:

Todo dia quando me chamam pela chamada, me sinto parte da escola. (Estudante 1)

Em primeiro lugar quando estou com minhas amigas da escola, que são uma segunda família para mim, e depois quando os professores dão atenção para a gente; não só com as notas e com a matéria, mas se importando com o aluno e com o que ele está sentindo. Acho isso muito importante. (Estudante 3)

Tem bastante, na verdade. Mas eu acho que é quando eu estou fazendo um evento do Grêmio Estudantil [...] daí eu vejo muito aluno e muita gente feliz, e assim eu me sinto parte da escola. (Estudante 4)

A análise das narrativas que falam sobre participação mostra que as motivações de um estudante variam segundo suas necessidades e convicções. Muitos podem ser os fatores que despertam no aluno o sentimento de pertença pela escola: as amizades, a relação com os docentes, a chamada, premiações e incentivos, participação no Grêmio Estudantil etc. Da mesma forma, entendemos que esses mesmos fatores também podem ser a causa do não pertencimento, dependendo da experiência de cada estudante.

Assim, a “escola, como um espaço por excelência de construção de sentidos, tem o poder de interferir na significação do sujeito, por ser resultante das contínuas interações entre os atributos da pessoa e as características dos contextos nos quais ela está inserida” (BRUNIERA *et al.*, 2018, p. 143). Por isso, é importante ter um olhar atento aos sentimentos dos estudantes, além de incentivar, de forma contínua, a participação; não como algo imposto, mas como um direito a ser adquirido, o direito de fala e de escuta.

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. O gosto do respeito à coisa pública que entre nós vem sendo tratada como coisa privada, mas como coisa privada que se despreza (FREIRE, 2016, p. 60).

Para fortalecer o sentimento de pertença pela escola, compreendemos como importante construir um propósito junto ao estudante, uma vez que ao identificar um porquê de estar na escola, é mais fácil integrar-se a ela. Isso porque a “ausência do pertencimento pode resultar em expectativas divergentes entre alunos, professores e gestores, constituindo-se em uma escola alheia à realidade do aluno e configurada como espaço de exclusão e fracasso” (BRUNIERA *et al.*, 2018, p. 138). Para perceberem-se parte, é fundamental que os estudantes se sintam aceitos pelo grupo e pela escola. Quando questionados sobre o que é a escola, as narrativas dos estudantes apontaram para um lugar de aprendizado e de convivência:

Escola é um lugar de aprendizado e disciplina, para os alunos aprenderem a se tornar adultos bem-sucedidos. (Estudante 2)

Minha casa. (Estudante 3)

Acho que é um lugar que a gente vem para fazer amigos, conhecer mais da vida, e não só amigos alunos, mas amigos professores também e onde a gente troca vivências. (Estudante 4)

Escola para mim é um lugar onde eu aprendo, onde eu vejo os meus amigos, onde eu me divirto... Para mim, escola é isso, um lugar muito importante. (Estudante 5)

É um lugar que a gente vem para aprender, tipo, ser alguém na vida. Só que a gente vem aqui e a gente se diverte. (Estudante 8)

Nas narrativas é possível ver que cada estudante vê a escola de um jeito: como seres humanos singulares, cada opinião é fruto das experiências vividas. Percebemos que os estudantes que já participavam de projetos transdisciplinares, mostram uma visão positiva do que é a escola. Por esse ângulo, Teixeira atesta que “a média de sentimento de pertença à escola por parte de estudantes que participam em atividades extracurriculares é significativamente superior à dos (as) estudantes que não participam em atividades extracurriculares” (TEIXEIRA, 2019, p. 75). Essa afirmação vai ao encontro do exposto nesta pesquisa. Por isso, a importância de incentivar os estudantes a participarem das atividades coletivas e transdisciplinares.

Com isso, é importante observar que a “participação em atividades extracurriculares parece ter assim um efeito positivo sobre o sentimento de pertença à escola, o que reforça a sua importância para o desenvolvimento e sucesso acadêmico das crianças e jovens” (TEIXEIRA, 2019, p. 69). A construção de vínculos proporcionada pelo pertencimento é oriunda do sentimento de ser participante, de estar incluído. Além disso, é possível ver nas narrativas dos estudantes que o pertencimento oferece ao estudante uma sensação de conquista de um lugar no

mundo. E, por isso, o pertencimento escolar parece qualificar a vida do estudante e o dia a dia da própria Instituição.

O sentimento de pertencimento é uma forma de incentivar as pessoas a valorizarem e cuidarem do lugar que estão inseridos. A ideia de pertencimento institui uma identidade no indivíduo que o fará refletir mais sobre a vida e o ambiente, desencadeando uma postura crítica e reflexiva dentro do local onde ele se encontra (SILVA, 2018, p. 133).

Ao encontro do exposto por Silva, os estudantes mostram nas suas falas a importância da realização de projetos transdisciplinares na escola, seja quando afirmam que eles “*dão uma visibilidade para a escola*” (Estudante 1); ou quando dizem: “*deixam o ambiente mais agradável para os alunos*” (Estudante 2). Isso parece indicar que, ao sentirem-se pertencentes à escola, os estudantes passam a ter um olhar mais atento e cuidadoso ao que acontece nesse espaço, incluindo sua estrutura, sua rotina e seus fazeres. O fortalecimento da escola pública passa por esse movimento coletivo.

5 Considerações finais

Participar do que acontece no ambiente escolar faz com que os estudantes se sintam mais confiantes para tomarem atitudes autônomas no seu dia a dia, na escola e fora dela. A realização de projetos transdisciplinares é um caminho possível para o fortalecimento da escola pública, uma vez que um estudante engajado tende a ter um papel mais ativo e consciente no espaço que ocupa. A transdisciplinaridade, nesse sentido, pode problematizar questões atuais enfrentadas pelos seres humanos, incluindo a própria educação escolar (FERREIRA, 2007).

Os projetos transdisciplinares se apresentam como uma ferramenta pedagógica a ser explorada nas escolas, como uma forma de movimentar os estudantes para a atividade, dando-lhes autonomia e responsabilidades, direitos e deveres. Neste texto, procuramos mostrar que a realização de projetos transdisciplinares trabalha o sujeito como um todo, com questões que, muitas vezes, ultrapassam as paredes da escola. Isso pode trazer aos estudantes a oportunidade de refletir questões fundamentais, como a própria Educação, por exemplo e, com isso, a escola instiga também a flexibilidade, evidenciando múltiplas formas de ensinar. Além disso, quanto mais o estudante se compromete com a escola, mais cuidará dela, conforme o grau de pertencimento que tiver. Assim, as instituições educacionais podem conscientizar o estudante de que tudo o que é público é dele também e que a preservação do patrimônio, por exemplo, é direito e dever de todo cidadão.

Fortalecer a identidade do jovem e vê-lo como sujeito social (GROPPO, 2016) é dar-lhe condições de participar. Envolver o estudante em atividades escolares é uma ótima forma de fazê-lo parte da escola. Com isso, a educação pública brasileira pode unir forças contra o descaso e a falta de recursos e, ao mesmo tempo, avançar nos desafios e funções que a interpelam.

Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 175-196.

BARROSO, João. **Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995.

BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUNIERA, David Salvador *et al.* Pertencimento à escola: sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental II. **Educação em Análise**, Londrina, v. 3, n. 1, p.133-154, jan./jun. 2018.

BULGRAEN, Vanessa Cristina. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, p. 30-38, dez. 2010.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GROPPO, Luis Antonio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 383-402, 2016.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Planta, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LUCK, Heloísa. A dimensão participativa da gestão escolar. **Gestão em Rede (Brasília)**, Curitiba, v. 57, p. 1-6, out. 2004.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

PRADO, Maria Elisabete Brisola Brito. **Interdisciplinaridade: refletindo sobre algumas questões**. São Paulo: Proinfo Integrado, 2009.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **O gestor educacional de uma escola em mudança**. São Paulo: Thomson, 2002.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIEGEL, Norberto. **Temas transversais**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2012.

SILVA, Amanda Maria Soares. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul. 2018.

SOUSA, José Vieira de; CORRÊA, Juliane. Projeto pedagógico: a autonomia construída no cotidiano da escola. *In: VIEIRA, Sofia Lerche. Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 47-75.

TEIXEIRA, Rafael Oliveira. **Sentimento de pertença à escola, sentimento psicológico de comunidade e expectativas educacionais: uma interação com o desempenho acadêmico de estudante açorianos(as) da parceria de intervenção comunitária de promoção do sucesso educativo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Curso de Psicologia, ISPA - Instituto Universitário, Portugal, 2019.